

RELIGIÃO MATERIAL E MORTE: A FOTOGRAFIA COMO MATERIALIDADE DO CULTO À ANCESTRALIDADE NO TERREIRO DO BOGUM, SALVADOR, BAHIA¹

Rodrigo Nogueira Martins²

1 INTRODUÇÃO

Esta comunicação surge como um primeiro desdobramento da pesquisa de mestrado em andamento atualmente denominada: Candomblé e Islã: O legado Malê no Terreiro do Bogum, Salvador, Bahia³.

Movido pela compreensão da necessidade de que haja na(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões) um número maior de pesquisas pautadas na utilização de imagens, independentemente de qual tenha sido a intenção da fotografia: a de retratar um estilo de vida ou uma forma documental. O registro fotográfico pode perfeitamente retratar não apenas a Materialidade, mas também o sentido de religiosidade e, até mesmo, da morte. A partir de então podemos abalizá-las, portanto, de maneira indissociável aos objetos, conferindo-lhes sua relevância nesse contexto.

As imagens a serem trabalhadas tratam-se de duas fotografias do Antropólogo norte-americano Melville Jean Herskovitz quando este esteve em pesquisa etnológica na cidade de Salvador entre os anos de 1941-1942, onde visitou alguns terreiros na capital baiana e realizou inúmeros registros fotográficos, em especial duas imagens realizadas no *Zoogodô Bogum Malê Rundó*, comumente conhecido como Terreiro do Bogum.

A metodologia fora desenvolvida, inicialmente, através de uma revisão bibliográfica sobre o Terreiro do Bogum, Antropologia Social, Religião e Cultura Visual e o emergente conceito de Religião Material que desponta atualmente na Ciência da Religião, tendo como base um estudo etnográfico realizado na comunidade do Terreiro do Bogum, sendo indispensável para a compreensão e consequente análise dos registros fotográficos.

¹ Texto aprovado para apresentação no XVIII Simpósio Nacional da ABHR – Concrer 2022, no Simpósio Temático 13 – *Imagem e Religiosidade*, que ocorreu no dia 17 de novembro de 2022.

² Mestrando em Ciências da Religião pela PUC MINAS – aluno bolsista CAPES (dedicação exclusiva). Brasil. Especialista em Ciência da Religião ISEED/FAVED. Membro da ABHR. E-mail: rodrygovirtual@hotmail.com

³ Esta pesquisa possui aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-Minas, sob o nº CAAE: 55505822.2.0000.5137; Número do Parecer: 5.286.296.

O foco da pesquisa etnográfica se concentrou no entendimento social através de uma observação participante pautado em uma visão culturalista do Bogum Contemporâneo, e o seu objetivo precípua consistiu em fomentar novos entendimentos do registro fotográfico através do campo, pautando-se nas premissas da Antropologia Social e da Religião Material e sua produção de sentido embasados pela experiência religiosa adquirida, oriundas das práticas religiosas e de cultos à ancestralidade presentes nessa comunidade.

Cumprido ressaltar que o trabalho de campo no Terreiro com vistas a adquirir elementos que pudessem contribuir para o desenvolvimento da pesquisa de mestrado justifica a descoberta dos registros fotográficos nos arquivos do Bogum. Aliada a essa redescoberta, encontra-se a oportunidade de que se possa contribuir, de alguma forma, para o desenvolvimento de pesquisas que abordem o registro fotográfico de maneira aplicada, como fonte de pesquisa histórica e ressaltando a importância de um olhar direcionado para os objetos em seu contexto simbólico.

Por fim, esta comunicação pretende promover, inicialmente, não apenas o aprofundamento do estudo da Religião Material na(s) Ciência(s) da(s) Religião(ões), mas também aplicar seus conceitos, para enfim que se possa analisar a partir deste ponto os espaços de culto destinados à ancestralidade e suas construções de sentido nas religiões de matrizes africanas.

2 O TERREIRO DO BOGUM

Segundo relatos orais, o Bogum é uma comunidade com 303 anos incrustada no coração do bairro soteropolitano, denominado Engenho Velho da Federação, nos dias atuais, encontra-se aproximadamente com aproximadamente 5% de suas terras originais, o que antes ocupava uma grande latifúndio do bairro do Engenho Velho da Federação. Essas terras foram suprimidas com o passar dos séculos pela expansão imobiliária, entretanto a edificação central de sua sede religiosa resiste após algumas reformas realizadas pela comunidade e por órgãos governamentais, permanecendo no mesmo local desde a fundação, situado na Ladeira do Bogum, oficialmente designada Ladeira Manoel Bonfim, nº 65.

Figura 1: Atual salão de cerimônias do Terreiro do Bogum



Imagem capturada durante pesquisa de campo realizada entre dezembro de 2021 e junho de 2022.

A dimensão de sua importância está objetivamente esclarecida em laudo antropológico realizado pelo professor Ordep José Trindade Serra⁴:

A consciência do valor histórico do Bogum como testemunho da memória negra é muito grande na área onde este templo se localiza e em meio ao povo negro de Salvador. Seu prestígio e o papel proativo de líderes que pertencem a sua comunidade foram fatores... (SERRA, 2005, p. 2).

O principal marco histórico do Terreiro do Bogum é justamente a sua relevante participação na maior insurgência escrava urbana do Brasil: “A Revolta dos Malês”, ocorrida em janeiro de 1835.

Essa notoriedade acabou sendo livremente manifestada durante a referida revolta que uniu os cativos de diferentes etnias em prol de um único ideal, tendo como background o Terreiro do Bogum, conforme relata Antônio Monteiro em Notas sobre negros malês na Bahia, através da fuga do negro Aprígio pelo distrito da Vitória, até ser encontrados pelos Jejes nas terras do que conhecemos atualmente como Terreiro do Bogum:

O Bogum, em frente à casinha do Conselho dos Assumânios, hoje capela dos Quinze Mistérios, era a casa bancária, ou “casa da guarda do dinheiro”. A casa humilde, de taipa, não fazia supor a sorte de todo o movimento e o patrimônio

⁴ Doutor em Antropologia – UFBA.

financeiro da organização, por isso era rigorosamente vigiada (MONTEIRO, 1987, p. 61).

A pouca bibliografia disponível sobre o Bogum ressoa no vácuo ante a significativa participação desta comunidade com a História do Brasil.

Luiz Nicolau Parés, em *A formação do Candomblé: História e ritual do Candomblé Jeje na Bahia*, ressalta a proeminente e intrincada relação do Bogum com a Revolta dos Malês, novamente através da fuga de negro Aprígio de seus companheiros Malês, até ser localizado e absorvido pela comunidade do Bogum:

Bogum era o nome de uma casinha ou dependência localizada em frente à Igreja dos Quinze Mistérios, em Santo Antônio Além do Carmo, onde os malês escondiam barras de ouro, armas e barris de pólvora” destinados a subsidiar as suas revoltas” (PARÉS, 2006, p. 173).

Farelli nos esclarece o porquê da carência de informações sobre o Bogum e o quanto sua religiosidade se mantém oculta por centenas de décadas, e mesmo nos dias atuais pouco ainda se sabe sobre as suas práticas religiosas de fato:

[...] O Candomblé Malê é, dentre todos os rituais africanos no Brasil, o mais secreto. *Keto, Angola, Congo, Mina*, são atualmente razoavelmente conhecidos. Reportagens, livros, uma variedade de estudos sócio-antropológicos revelam os meandros ou grande parte dos ritos das nações africanas acima descritas. Mas, quem conhece profundamente a presença do culto Malê dentro de um Terreiro de Candomblé que melhor representa a existência dos Malês no Brasil? (FARELLI, 1998, p. 12).

A pergunta deixada pela autora nos demonstra a múltiplas possibilidades de pesquisa que podem ser realizadas tendo o Terreiro do Bogum como objeto central de análise, principalmente no que diz respeito à imagem e seus contextos.

3 AS IMAGENS E SEUS CONTEXTOS

Melville Jean Herskovits, um renomado Antropólogo norte-americano em seu tempo, influente entre os Antropólogos e Cientistas Sociais, nos quais podemos destacar que estreitou laços com expoentes pesquisadores em Salvador aquela época: Arthur Ramos e Edson Carneiro. Melville estudava a família negra, que era uma preocupação dos intelectuais do norte, e tanto ele quanto Turner acreditavam que o passado africano oferecia uma enormidade cultural, extremamente necessária para a compreensão da luta dos negros por liberdade por onde estiveram como cativos, para ele em especial com foco voltado para os Estados Unidos.

Herskovits esteve em Salvador entre 1941 e 1942 realizando sua pesquisa de campo, tendo dessa vez como centro de sua análise a cultura afro-brasileira com enfoque direcionado para a questão religiosa. Como continuidade do mesmo trabalho realizado na década anterior no Haiti onde seguiu ao encontro do Vodú.

O norte-americano registrou mais de quarenta imagens que hoje fazem parte do acervo do Terreiro do Bogum. Observando as fotografias expostas nesta coleção, podemos verificar, de fato, que o antropólogo teve a religião como foco em sua etnografia. Dois registros nos chamaram a atenção com vistas à possibilidade de que a partir delas pudéssemos iniciar uma argumentação a cerca da morte e ancestralidade no Terreiro do Bogum, através de uma análise de sua materialidade através da Cultura Visual.

Figura 2 – Altar dedicado à ancestralidade no Terreiro do Bogum



Imagem capturada durante pesquisa de campo realizada entre dezembro de 2021 e junho de 2022.

Figura 3 – Detalhe do altar sagrado de culto à morte



Imagem capturada durante pesquisa de campo realizada entre dezembro de 2021 e junho de 2022.

4 POSSIBILIDADES DE ANÁLISE

Diante desse contexto histórico acerca do Terreiro do Bogum, cabe uma contextualização sobre a percepção empírica no que se refere aos aspectos materiais das religiões: “...na concepção segundo a qual o conhecimento se baseia na experiência sensível (externa) e interna, entretanto emocional, não racional (nossos sentidos tais como são vividos)” (DELATTRE, 1994, p. 112).

Outrossim, alço mão do conceito de estética ou *aistética*⁵, disciplina pouco explorada, entretanto Klaus Hock a denomina Estética da Religião, para circunscrever as sensações humanas ou compreensão dos sentidos: “também com fontes não verbais: música, arte, toda a cultura material, até com odores” (HOCK, 2010, p. 190).

Ainda conferindo atenção especial ao contexto das imagens no que tange ao culto à ancestralidade, suas emoções, sensações e sentimentos relacionados à crença da comunidade do Bogum, ressalto a obra de Morgan no qual o autor mergulha no papel dos sentimentos e emoções da consciência e da memória e alega serem estes indissolúveis, por se tratarem apenas de emoções, estabelecendo uma sensação primordial que pode expressar luto, tristeza, alegria, medo, ojeriza e culpa, podendo também denotar um sentido mais amplo de comunidade (DAMÁSIO apud MORGAN, 2010, p. 57).

⁵ Ambas oriundas do vocábulo grego *aisthesis*, indicativo de sentir ou compreender os sentidos.

O culto à ancestralidade por parte dos Candomblés nos demonstra uma forma de supervalorização de sua memória ancestral modelada através de suas práticas “Emoções são socialmente nomeadas como sentimentos e assim usadas por grupos humanos para ajudar a estimular, dirigir, controlar sensações” (DAVIES, 2011, p. 16).

Portanto, as imagens nos demonstram que as religiões através de suas concepções próprias criam suas cenas, carregadas de sentidos emocionais fomentadoras de expressões consonantes e de aprendizagens:

[...] o uso de rituais coletivos e práticas tais como cerimônias, paradas, entretenimento e ritos religiosos o fazem...Todas as sociedades investem grande energia em ensinar seus membros a sentirem de maneira similar...Sentimentos não apenas reúnem os seres humanos, como também os reúne a animais, as coisas, a lugares e objetos [e por que não a seres sobrenaturais]” (MORGAN, 2010, p. 58).

Esse sentido se potencializa quando nos deparamos com as imagens de um altar consagrado à ancestralidade no qual encontram-se presentes fragmentos de remanescentes humanos, bem como todos os outros objetos (coisas que contextualizam a cena material da imagem).

5 A ANÁLISE DOS REGISTROS FOTOGRÁFICOS

Ante aos registros selecionados penso em uma abordagem sobre o fenômeno religioso pautado na representação da materialidade em uma perspectiva mais ampla, trabalhando a Cultura Visual e Material em conjunto, por entender que neste estudo de caso as fotografias são os únicos documentos que nos evidenciam as práticas religiosas dedicadas à morte e a ancestralidade. Principalmente pelo fato de que atualmente o teor do documento fotográfico não estar mais acessível no Terreiro do Bogum, certamente é um contexto que atualmente está trancado em algum dos múltiplos cômodos sacros e trancados a sete chaves.

Minha afirmativa se deve justamente pelo fato de que quando em pesquisa etnográfica pelo terreiro, quando perguntei se as imagens retratavam o Terreiro do Bogum, tive múltiplos “SIM’s” como respostas. E quando perguntei se atualmente ainda era assim, de maneira quase que unânime a resposta foi: “ainda é bem parecido”. Não temos como fugir da realidade dos objetos dividindo uma espécie de altar ao pé de uma jaqueira junto a remanescentes humanos.

O campo também me evidenciou que tal espaço era utilizado para rituais onde se cultuava a morte e a ancestralidade, e quanto aos rituais segundo Helmut Renders em seu

artigo denominado: *A Cultura Visual Religiosa como linguagem religiosa própria: popostas de leitura*, quando ele fala sobre os pressupostos de Christoph Wulf, temos:

Na sua Antropologia Pedagógica ele discute a importância de rituais para a construção de coerência de grupos sociais sem reduzi-los aos seus aspectos funcionais, porém, destaca também seus aspectos estéticos, lúdicos e performativos. Rituais organizam e ordenam a realidade e possibilitam identificações (RENDERS, 2019, p 708).

Rituais retratam realidades e suas comunidades religiosas, que transcendem o tempo sendo sentidos então como sagrados, justamente por encenarem hierarquias sociais e estruturas de poder (WULF, 2013, p. 102-103).

Podemos interpretar as imagens em questão com sendo registros de fenômenos arcaicos de uma cultura considerada primitiva e a partir de então ter um novo horizonte sobre o que envolve a morte como rito de passagem.

Ainda conferimos que nas imagens existem artefatos que tendem a uma articulação entre si, promovendo um contato com aquilo que transcende. Por isso a necessidade de abordar a Cultura Visual e a Cultura Material em uma perspectiva ampliada.

5.1 ANÁLISE SEGUNDO A PERSPECTIVA TRIPLA DE GILIAN ROSE

Utilizando a proposta de análise tripla sugerida pela autora, na qual propõe um método de análise voltado para um significado “cultural e de poder”, após leitura percebo que plausível a aplicação das premissas de Rose visando uma interpretação religiosa. Ante esta possibilidade sigo no caminho pavimentado por ela realizando a interpretação pautada em suas modalidades de análise, sendo elas: Tecnológica, Composicional e Social. Onde aplicaremos os conceitos sugeridos nas imagens que estão sendo trabalhadas nesta comunicação.

Creio que seja imperiosa a contextualização de cada modalidade antes da interpretação analítica propriamente dita.

5.1.1 Análise do Contexto Tecnológico - “A.C.T.”

- 1 - Considera questões como localização e espacialidade.
- 2 - Se o que esta sendo avaliado é um artefato ou um conjunto de objetos (tipo de altar).
- 3 - Se estão em seu religioso formal ou se estão em um local sacralizado (casa, escritório ou até mesmo museu).

Ou seja, neste ponto é realizado uma análise que prioriza a cultura material, composta por objetos concretos, buscando sentido nos artefatos religiosos.

5.1.2 Análise de Contexto Composicional - “A.C.C.”

Nesse ponto é uma análise voltada para o todo, e não subdivididas em etapas focadas na materialidade. Sendo acrescido a análise anterior um contexto imaginativo/fenomenológico, voltado para as questões sobre elementos abstratos como: hábitos e rituais.

5.1.3 Análise de Contexto Social - “A.C.S.”

É onde realizo adaptações ante os conceitos originais de Gilian Rose, e os três pilares de análise sugeridos. Aplicando-os na foto-elucidação sob um filtro antropológico nas religiões de matrizes-africanas.

Nesse momento é indispensável que se atente para questões a cerca da produção do que esta sendo visto, ou seja, questões referentes a: Quem? Quando? Para que? E por que? Referentes ao observador: Como é interpretado? E por quem?

Mediante a essas questões estabelecer uma relação entre as fixações de sentido pela religiosidade e/ou comunidade que esta tendo sua Cultura Visual analisada.

Outro ponto que a autora alerta para que seja levado em consideração diz respeito à audiência pela comunidade religiosa com o que esta sendo analisado.

Para finalizar a autora ainda atenta para a possibilidade de releituras ou reproduções, principalmente quando o que esta sendo analisado envolve a coletividade de determinado grupo religioso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma abordagem de documento fotográfico que pauta-se em uma análise da Materialidade através da fotografia de fato não se esgotará em poucas páginas, mais ainda quando o registro retrata uma religiosidade de matriz africana em um contexto simbólico de morte e ancestralidade. O que esta comunicação se propôs foi de indicar um caminho analítico entre a Cultura Visual e a Religião Material, e apresentar os conceitos analíticos

de Guilian Rose, deixando livre para que a partir dos contextos apresentados cada leitor realize de maneira livre suas interpretações acerca dos documentos apresentados.

A Ciência da Religião no Brasil ainda está longe de reconhecer a devida importância das expressões religiosas através de suas Materialidades, restando pesquisadores que se enveredam por essa área aguardarem uma virada icônico-materialista na disciplina.

De fato que nossa disciplina conta com um seletíssimo grupo de pesquisadores que compõem a primeira prateleira de pesquisas sobre a temática. Bem como, uma excelente geração de novos pesquisadores inspirados que começam a surgir, porém, algo muito incipiente em uma disciplina predominantemente filosófica.

O que surge como grande novidade é a possibilidade de análise da Cultura Visual e das Materialidades voltado para as religiões de matrizes africanas e/ou indígenas, que se apresentam com um enorme potencial analítico.

Finalizando, pecebo como estritamente necessário à compreensão em um nível considerável sobre a Religião a ser pesquisada, para que a análise possa alcançar o entendimento mínimo necessário sobre a origem da materialidade da Religião praticada no campo. Ou seja, sem um conhecimento prévio do objeto no qual se pretende analisar, torna-se extremamente difícil localizar-se no contexto devido à falta de conhecimento prévio.

REFERÊNCIAS

DAVIES, D. J. **Emotion, Identity and Religion. Hope, reciprocity and otherness.** New York, Oxford: Oxford University Press. 2011.

DELATTRE, M. et al. **Dicionário Prático de Filosofia.** Lisboa: Terramar, 1994.

FARELLI, M. H. **Malês os Negros Bruxos: O Candomblé de Origem Islâmica, Seus Magos e Seus Feitiços.** São Paulo: Editora Madras. 1998.

HERSKOVITS, Melville J. **Man And His Works, The Science of Cultural Anththpology. Tomo I, II e III.** New York: Mestre Jou. 1948.

HOCK, K. **Introdução à Ciência da Religião.** São Paulo: Edições Loyola, 2010.

HOLL, Augustin. **Arqueologia e História da Cultura Material na África e na Diáspora Africana.** APGIC, 219.

MONTEIRO, Antônio. **Negros Malês na Bahia.** Salvador: Ianamá. 1987.

MORGAM, D. **Religion and material Culture. The matter of belief.** Ney York: Routledge. 2010.

PARÉS, Luis Nicolau. **A Formação do Candomblé:** História e ritual da nação Jeje na Bahia. 3. ed. rev. e ampli. Campinas: UNICAMP, 2018.

RENDERS, Helmut. A Cultura Visual Religiosa como linguagem religiosa própria: propostas de leitura. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v.17, nº 53, p. 702-722, maio/ago, 2019. ISSN: 2175-5841.

ROSE, Gillian. **Visual Metodologies:** Na Introduction to the Interpretation of Visual Materials. Lomdon; Thousand Oaks; New Delhi: SAGE Publications, 2022.

SERPA, Ordep José Trindade. **Terreiro do Bogum – Zoogodo Bogum Malê Rundò: Laudo Antropológico.** 2005.

WULF, Christoph; KAMPER, Dietmar (org.). **Logik und Leidenschaft:** Erträge Historischer Anthropologie. Berlim: Reimers, 2002.